

1. Introdução

A obra de Machado de Assis é, na literatura brasileira, intensamente estudada, talvez, a mais estudada pelos críticos brasileiros (e estrangeiros). Em vida, o escritor já era reconhecido e saudado pela crítica literária, que nascia naquele final de século XIX como atividade autônoma, ofício. O próprio Machado foi um dos precursores da crítica, já na década de 1870 escrevia sobre a produção literária no Brasil.² De fato, a crítica como ofício e a maturidade do romance literário (coroadas na obra de Machado) são contemporâneos no Brasil; enquanto o escritor produzia sua obra, a crítica literária construía seus sujeitos e instrumentos. No bojo do amadurecimento e consolidação da literatura brasileira como produção autônoma, advinha a crítica - como pretensa consciência e autocrítica desse processo.

No final do século XIX, a formação social brasileira esboçava o estabelecimento de uma sociedade civil (por meio da abolição da escravidão) e buscava sua identidade, dando seqüência ao processo social de construção da nação e da cultura brasileiras; nesse processo, produzia também sua problematização. A procura de tal identidade estava predominantemente marcada pela noção de raça, empregada na tentativa de encontrar originalidade, de dar conta da heterogeneidade do povo e, sobretudo, de marcar claramente as diferenças (a hierarquia) entre os grupos sociais que se esboçavam agora como classes. Encontrar essa identidade, o signo da nacionalidade, era tarefa premente da intelectualidade brasileira e, na literatura, tornou-se procedimento necessário, critério de avaliação, parâmetro de gosto, referencial do realismo da obra no cotejamento desta com o entorno social: método.

A obra de Machado de Assis foi objeto (problemático) desse processo, nela, enquanto se reconhecia a originalidade do feito, paradoxalmente, erigia-se o enigmático da realização. Como entender a novidade da obra do autor nos termos

¹ Trabalho apresentado em conferência no I Colóquio da Faculdade Santa Rita (FASAR) "Machado de Assis, cem anos depois", 2007.

² Parte substancial de sua produção crítica foi editada nos volumes *Crítica literária e Crítica teatral* (ambos publicados no Rio de Janeiro, pela Editora Jackson, em 1946).

dos critérios da nacionalidade? O fruto primoroso da árvore da literatura brasileira, estranhamente, parecia não ter raízes no solo nacional. Prodígio da criação, a obra machadiana também se insinuava como esfinge da nacionalidade.

2. Três críticos, duas histórias

Três foram os principais críticos literários desse período de emergência do ofício e, concomitantemente, da produção do sumo da obra machadiana, do final do século XIX ao início do século XX: Araripe Júnior, Sílvio Romero e José Veríssimo.³

Os três autores enfrentaram a obra de Machado de Assis com coragem intelectual e instrumentos críticos pouco sofisticados (FERNANDES, 2001), em trabalhos circunstanciais ou sistemáticos. Araripe Jr. teceu suas considerações em trabalhos pontuais, analisando este ou aquele livro de Machado, quando da publicação; inicialmente, procurou nas criações do escritor as evocações do *ethos* nacional (VENTURA, 1991: 101), mas terminou por enveredar pelo impressionismo crítico e render-se aos desafios das - ainda que tênues, segundo ele - relações entre os personagens, situações e o característico da vida brasileira (GUIMARÃES, 2004: 275-8). Todavia, foi com Sílvio Romero e José Veríssimo que a análise crítica da obra de Machado de Assis teve um tratamento amplo e sistemático; também produziram críticas pontuais, de circunstância, mas deram - ademais - um tratamento intensivo ao autor e à obra, mormente em seus trabalhos críticos de maior fôlego: suas histórias da produção literária brasileira, ambas nomeadas *História da literatura brasileira*, publicadas em 1888 (Sílvio Romero) e em 1916 (José Veríssimo).

As histórias da literatura brasileira de Sílvio Romero e de José Veríssimo podem ser consideradas as mais importantes criações do gênero até o início do século XX. Até então, vários autores já haviam esboçado relatos da produção literária brasileira, dentre os principais, alguns autores (estrangeiros) tomaram a literatura brasileira como um ramo da literatura portuguesa: M. M. Bouterwek (alemão, em *História da literatura portuguesa*, de 1804), Sismonde de Sismondi (genebrino, *Literaturas do meio-dia da Europa*, 1819). Outros já identificavam certa autonomia da produção brasileira e mesmo alguma linha de criação, como

³ Capistrano de Abreu, embora tenha esboçado uma teoria da literatura nacional, é notoriamente um historiógrafo da civilização brasileira - malgrado as finíssimas (e talvez ilusórias) linhas que separam tais realizações -, sendo escassa sua produção como crítico.

Ferdinand Denis (francês, *Resumo da história da literatura de Portugal*, 1825) e Ferdinand Wolf (austríaco, *O Brasil literário*, 1863). Os brasileiros também se empenharam na tarefa, alguns analisaram somente a produção poética, como Norberto Silva ("Bosquejo da história da poesia brasileira", em *Modulações poéticas*, 1841), Gonçalves de Magalhães ("Ensaio sobre a história da literatura no Brasil", na revista *Niterói*, 1836); outros abordaram a produção literária de modo localizado, como Antonio Joaquim de Melo (*Biografias de alguns poetas e homens ilustres da Província de Pernambuco*, 1858), Antonio Henriques Leal (*Panteon maranhense*, 1873) etc. Outros tantos ainda se limitaram a juntar biografias, nomear um punhado de autores e, principalmente, enfileirar autores sem uma linha de análise que desse coesão à produção em termos de períodos, escolas, estilos, influências e relações com o país e suas condições histórico-culturais. Uma possível exceção, apontada por José Veríssimo (1977: 130), seria Varnhagen - "o instituidor da nossa história literária" - em sua monumental *História geral do Brasil*, de 1854, e em *Florilégio da poesia brasileira, ou coleção das mais notáveis composições dos poetas brasileiros falecidos, contendo as biografias de muitos deles, tudo precedido de um ensaio histórico sobre as letras no Brasil*, de 1850 (ROMERO, 1953; VERÍSSIMO, 1977; CANDIDO, 1969; NUNES, 1998).⁴

Sílvio Romero produziu "a primeira visão orgânica das nossas letras" (BOSI, 1997: 281; NUNES, 1998: 230), sendo seguido por Veríssimo que, aproveitando-se da experiência daquele, promoveu uma mais cuidadosa seleção e

⁴ Segundo Veríssimo (1977: 130), Francisco Adolfo de Varnhagen não teria se limitado a mencionar nomes, mas se ocupado "[...] da incipiente vida literária da colônia, nomeando obras e escritores de todo o gênero, estabelecendo as suas relações com o meio e as suas dependências literárias, informando de muita coisa que antes dele se ignorava ou sabia mal"; além disso, teria sido precursor de Sílvio Romero quando "[...] nas páginas consagradas à literatura, trata de historiadores, cronistas, oradores, economistas etc. e, até, justamente como o sr. Sílvio Romero, mas trinta anos antes deste, de artistas, músicos, pintores etc." Araripe Jr. também afirmou - em seu estudo sobre *Gregório de Matos*, de 1894 - que caberia a Varnhagen a primazia no tratamento cuidadoso da história literária brasileira. Tais considerações de Veríssimo e Araripe foram alvo da fúria de Sílvio Romero que, vendo ameaçado seu pioneirismo, respondeu agressivamente, mormente a Veríssimo, em seu *Compêndio de literatura brasileira* (em parceria com João Ribeiro, 1906); Veríssimo, malgrado sua aversão à polêmica, ostensivamente atacado, retrucou em "Sobre alguns conceitos do sr. Sílvio Romero" (em *Que é literatura? E outros escritos*, 1906). A polêmica entre Veríssimo e Romero estendeu-se até as sessões da Academia Brasileira de Letras e terá em *Zeveirissimações ineptas da crítica*, de 1909, peça singular de acidez e ira literária de Romero, sua culminância. Acrescentam-se ainda às principais motivações da notória contenda o apreço de Veríssimo por Machado de Assis e seu desprezo por Tobias Barreto, do qual Romero era discípulo na "Escola de Recife" e o tinha como o maior escritor brasileiro, relegando - de modo sardônico - Machado de Assis a um plano inferior.

organização dos autores conforme períodos e estilos. Escritas por críticos de ofício e instrumental, as histórias de Romero e de Veríssimo distinguiam-se por abordar a história literária brasileira com vistas à análise e síntese, compor uma totalidade orgânica a partir da imbricação de *todos* os seguintes componentes:⁵

I - separação da literatura brasileira da portuguesa, concedendo autonomia - ainda que restrita ou problemática em dado período ou autor - à criação cultural nacional;

II - menção a razoável número de escritores da literatura brasileira;

III - menção a autores não necessariamente prosadores, poetas e teatrólogos, mas cronistas, oradores, críticos etc.

IV - seleção e organização representativa dos autores;

V - organização cronológica, evolutiva e hierarquizada em termos de méritos literários e importância cultural;

VI - visão das obras e de seus autores alicerçada em instrumental teórico-crítico e canônico;

VII - disposição, classificação e agrupamento dos autores de modo a organizá-los em períodos literários, escolas, estilos e fases (dos autores);

VIII - relação da produção literária com a vida social;

IX - visão totalizadora – orgânica - de modo a esboçar, ainda que de modo incipiente, uma explicação do processo de formação (criação, evolução e autonomização) da literatura brasileira como complexo cultural particular.

No que se refere à obra de Machado de Assis, a importância das histórias de Romero e Veríssimo na análise da produção do escritor fluminense reside no fato

⁵ Com isso, ressaltamos que outros autores não desconsideraram esse ou aquele componente, porém, nenhum os tomou a todos, menos ainda, de modo articulado. Às "histórias" de Sílvio Romero e de José Veríssimo seguiu-se a *Pequena história da literatura brasileira*, de 1919, de Ronald de Carvalho, que embora imediatamente posterior àquelas obras, era criação de um escritor da nova geração, que não teve uma experiência literária comum aos outros e que se juntará aos modernistas de 1922 – produzindo, a partir dali, suas obras de maturidade.

de abordá-la, de modo amplo e sistemático, a partir de um instrumental teórico-crítico conforme os cânones da época (obviamente adaptados à realidade brasileira), gestados como coroamento do exercício crítico ('amadurecido') daqueles autores e imbricados com as leituras que fizeram da evolução da literatura brasileira - de modo a inserir a obra machadiana no que consideravam ser seu lugar nessa evolução.

3. Sílvio Romero e o mestiço

A História da literatura brasileira (HLB), de Sílvio Romero, data de 1888; o seu primeiro esboço foi a *Introdução à história da literatura brasileira*, publicada em 1881 nos três volumes finais da *Revista Brasileira* (2ª fase). Na 1ª edição da HLB, Machado de Assis não era objeto de análise, era mencionado numa passagem (no 2º volume, página 1233), quando Romero se refere a ele como "o autor de *Iaiá Garcia*", contra quem havia escrito algo em uma de suas contendas em 1870, em Recife-PE. Machado só passou a fazer parte da HLB a partir da 3ª edição – póstuma, de 1943, organizada e aumentada por Nelson Romero, filho do autor. O filho acrescentou (entre outras mudanças) um capítulo sobre Machado, incluído no último tomo, no capítulo "X - Terceira época ou período de transformação romântica (prosa) – teatro e romance". Nessa 3ª edição, Machado aparece depois de José de Alencar, Agrário de Sousa Meneses, Manuel Antonio de Almeida, Francisco Pinheiro Guimarães, Franklin Távora e imediatamente após Afonso D'Escragnole Taunay, praticamente encerrando a análise da prosa literária romanesca e teatral, já que se seguem as "manifestações na prosa" na historiografia e entre os publicistas e oradores, e as "reações antirromânticas", que só se referem à poesia. Assim, Machado de Assis está colocado como o momento final do romance brasileiro. Com isso, o filho quis amenizar o juízo do pai. Nesse capítulo sobre Machado de Assis, Nelson Romero inseriu o texto (sobre o mesmo tema) anteriormente escrito por Sílvio Romero para o *Compêndio de história da literatura brasileira*, publicado em 1909, em parceria com João Ribeiro - o capítulo do *Compêndio* foi concebido somente por Sílvio Romero, a partir do texto do livro *Machado de Assis* (1897), expurgadas as comparações com Tobias Barreto (ROMERO, Nelson, 1954a).⁶

⁶ Roberto Ventura (1991: 175) julga que a elaboração de Nelson Romero "adulterou" a HLB, sendo imperativo reeditá-la conforme a 2ª edição, de 1902, revista pelo próprio Sílvio Romero. De nossa parte, consideramos legítimas e plausíveis as alterações, vez que reeditam as formulações do autor e vêm a reparar uma grave lacuna da HLB, fruto da juventude tempestuosa de Sílvio Romero;

Sílvio Romero foi – e talvez seja até hoje! – o mais duro crítico da obra de Machado de Assis.⁷ Polemista feroz, vaidoso e ácido, Romero foi temido por sua pena afiadíssima, não economizando nem nos impropérios que julgava necessários; seu desprezo por Machado só era proporcional à sua admiração por Tobias Barreto, sergipano como ele e seu mentor na Escola de Recife. O livro que escreveu sobre o escritor fluminense – *Machado de Assis*, escrito em 1897 (ROMERO, 1992) - é um trabalho de comparação entre Machado e Tobias, do qual o último é – obviamente – exaltado.⁸

Na leitura de Romero - presente na HLB - Machado teve uma evolução “natural”, “sem saltos” em sua obra; poeta de “obras muito corretas, mas algumas tanto frias” (ROMERO, 1954: 1621-2, tomo quinto,), “plácido” e “tranquilo”, de estilo correto e sóbrio mas sem vida, de um “colorido sem intensos brilhos”; como comediógrafo e crítico, então, seria mesmo inútil de ser estudado: as comédias seriam “contos dialogados”, não teriam vida; já as críticas seriam ainda “contos, menos a espontaneidade da narrativa”, sem possuir a destreza necessária e nem dominar os sistemas de pensamento científico – essenciais para o ofício (ibidem: 1633).

A produção machadiana digna de atenção seria a relacionada à prosa, na qual vigoraria certo naturalismo, um psicologismo baseado em ironias veladas e num “pessimismo sossegado”. “Artista da frase-média”, cadenciada, medida

também, reeditando o texto, repõe fidedignamente as considerações do autor sobre a obra de Machado, uma vez que aproveita a análise mais detida (*Machado de Assis*) e a última apreciação sistemática (capítulo do *Compêndio de história da literatura brasileira*, 1909) de Sílvio Romero sobre a obra de Machado. Nessa 3ª edição, Aurélio Buarque de Holanda reviu os textos e cotejou com os originais (ROMERO, Nelson, 1954b).

⁷ Acompanha-o um escritor muito influenciado por Romero e que, como este, viu em Machado um escritor talentoso, mas “conservador”, distante do brasileiro, “anti-mulato”, que “traiu bastante a sua e a nossa realidade”: Mário de Andrade (citado por SCHNEIDER, 2005: 219).

⁸ Há indícios de que tal animosidade de Romero contra Machado teve início quando este escreveu artigo de crítica sobre a nova geração na *Revista Brasileira*, em 1879; nele abordou os novos poetas, dentre eles Sílvio Romero (que publicara *Cantos do fim do século*, 1878), julgando de modo desabonador a proposta teórica e poética cientificista do autor; não bastasse isso, afirmou ser exagerada a importância que Romero atribuía aos poetas ligados à Escola do Recife (Tobias Barreto e Castro Alves). Isso teria estimulado a ira de Romero (SCHNEIDER, 2005: 100-1; VENTURA, 1991: 96; RODRIGUES, 2006), que, entretanto, já havia (em 1870) criticado o romantismo tardio das *Falenas* de Machado (MORAES FILHO, 1985: 210). Sobre a obra de Sílvio Romero ver ainda: Candido (1978, 2000, 2006), Leite (1969) e Mota (2000), Rodríguez (2006).

(ibidem: 1626), seria um romântico sem coragem de mudar; o humor e o pessimismo - dos quais lançaria mão - seriam algo artificiais, inadequados à nossa psicologia étnica, nosso caráter nacional, este mais propenso ao cômico e avesso ao “desalento mórbido” (ibidem: 1630). Teria pretensão ao “horrrível”, do qual teria sido mestre inigualável no Brasil ou em Portugal; entretanto, mesmo nesse quesito, lhe faltaria uma “espécie de impavidez na loucura”, da qual Edgar Allan Poe seria perito (ibidem: 1632). Já a ironia, presente em seus livros, teria o gume prejudicado pelo temperamento pacato do autor. Os melhores momentos de Machado seriam aqueles nos quais exerceu o psicologismo, observou os costumes e esboçou tipos humanos; seria grande escritor quando narrador, mas se apegaria quando metido a filósofo e humorista. Enfim, seria um “moralista complacente e doce” (ibidem: 1637), o que não o teria impedido de ter ficado na literatura brasileira “[...] como prosador, como quem mais fundo, no Brasil, penetrou no romance e no conto os abismos d’alma humana”. “Não é pequena glória”, o próprio crítico admite (ibidem: 1624).

Nas palavras de Sílvio Romero: “Machado de Assis pode e deve ser também julgado pelo critério nacionalista, que aliás, não reputamos o único critério nestes assuntos”, operação da qual o escritor não sairia “amesquinhado” (ibidem: 1619-20). Adverte, porém, que o espírito nacional não estaria na escolha do tema, no assunto, mas na índole, na intuição, na visualidade interna, na psicologia do escritor. Assim, Machado, um “genuíno representante da sub-raça brasileira cruzada” (ibidem: 1620), com sua “índole indecisa”, teria produzido uma “obra de mestiço”, de brasileiro (ibidem: 1636), que primaria pelo efêmero e pelo indefinido:

O Machado de Assis dos últimos anos era fundamentalmente o mesmo eclético de trinta ou quarenta anos atrás: meio clássico, meio romântico, meio realista, uma espécie de juste-milieu literário, um homem de meias tintas, de meias palavras, de meias idéias, de meios sistemas, agravado apenas pelo vezo humorístico, que não lhe ia bem, porque não ficava a caráter num ânimo tão calmo, tão sereno, tão sensato, tão equilibrado [...]. (ibidem: 1628).

4. José Veríssimo e a autonomia do gênio

A *História da literatura brasileira* é o testamento crítico-literário de José Veríssimo: faleceu pouco antes de ver a obra publicada, em 1916. Na dedicatória - à memória dos pais - escrita em 1915, uma passagem quase premonitória indicava

o caráter de amadurecimento e síntese que o autor legava ao texto: “[...] consagro este livro, remate de minha vida literária”. Tais palavras, com o falecimento do autor logo em seguida, adquiriram uma ambigüidade mórbida.

José Veríssimo encerra sua HLB com um capítulo sobre Machado de Assis⁹, segundo ele, “escritor que é a mais alta expressão do nosso gênio literário, a mais eminente figura da nossa literatura” (VERÍSSIMO, 1963: 304). A obra do escritor fluminense seria o ápice da literatura brasileira, seu maior prosador e já um “clássico”, “o único talvez da nossa literatura” (ibidem: 312). Mais ainda, seria – naquele momento – o maior escritor da língua portuguesa, pois superior até mesmo aos portugueses seus contemporâneos. No juízo sobre Machado, Veríssimo concede uma glória única a um escritor brasileiro (superar os portugueses) que, também, é um atestado de autonomia e maturidade da literatura brasileira: a criatura tornava-se superior ao criador, excedia em qualidade os que nos legaram a língua.¹⁰

De modo geral, Machado – segundo Veríssimo (ibidem: 318-9) – teria sido um poeta cuidadoso da forma e “profundeza de sentimento”, um crítico sem formação específica, “impressionista”, todavia, mesmo “sem ter ofício de crítico”, seria “um dos mais capazes e mais sinceros”, sensível e respeitoso sem condescendência, bem informado, com uma visão própria das coisas literárias e “desconfiado de sistemas e assertos categóricos”. Na parte reconhecida – até pelo próprio Machado - como mais frágil de sua criação, o teatro, afirma que lhe faltariam qualidades, “sobretudo as inferiores”, para ter “[...] sucesso na arte inferior que é o teatro” e agradar à platéia, “em sua maioria composta de ignaros ou simples”, para os quais não bastariam “as qualidades propriamente literárias” (ibidem: 317-8).

⁹ O texto data de poucos anos após a morte de Machado de Assis, do qual Veríssimo era amigo e íntimo. Veríssimo esteve ao lado do leito em que Machado agonizava, foi ele que ouviu as últimas palavras do enfermo: “A vida é boa” (MONTELLO, 1986: 208). O crítico, abalado pela morte do amigo, releu toda a obra do escritor e, pouco tempo depois, escreveu sua HLB e o capítulo sobre Machado.

¹⁰ Assim como Silvio Romero, José Veríssimo já havia tido uma experiência (embora positiva) com o crítico Machado de Assis que, na *Gazeta de Notícias* (do Rio de Janeiro), elogiou um trabalho de Veríssimo (*Cenas da vida amazônica*, 1886); do Pará, onde ainda residia, Veríssimo escreveu agradecendo a Machado e, anos depois, elaborou artigo exaltando *Iaiá Garcia* (1878); então foi a vez de Machado escrever-lhe em agradecimento. Quando Veríssimo se mudou para o Rio de Janeiro, procurou Machado em busca de referências literárias e então se tornaram amigos (MONTELLO, 1986: 198).

Na prosa, para o crítico paraense, estaria o melhor da produção machadiana. Os primeiros livros teriam “ressaios românticos”, mas Machado não caberia no Romantismo, sua ironia, seu pessimismo, seriam inabarcáveis por aquele movimento literário. Ressalta-lhe ainda o humorismo, a percepção da “tolice e malícias humanas” (ibidem: 315) e o “ceticismo sem desespero do pessimismo benevolente” (ibidem: 312). *Memórias póstumas de Brás Cubas*, de 1881, que marcaria a ruptura com os resíduos românticos, seria o romance maior da literatura brasileira (ibidem: 314).

Posta como ápice da literatura brasileira, entretanto, não seria a obra machadiana produto de uma acumulação anterior, já que não se encaixaria em nenhuma corrente literária e não teria predecessores: Machado “fez-se a si próprio” (ibidem: 305). Avesso às modas, esse nosso primeiro e único *self made man* teria heroicamente revolucionado a literatura com uma atitude simplesmente plácida:

Porque este sujeito tímido, apagado, pequenino, modesto, que parecia deslizar na vida com a preocupação de não incomodar a ninguém, de não ser molesto a pessoa alguma, era, de fato um homem com energias íntimas, caladas, recônditas, mas invencíveis. Assim como fazer-se uma posição social, nunca transigiu com a sociedade e suas mazelas, também, nunca, como escritor, condescendeu com as modas literárias que não dissessem com o seu temperamento artístico, ou seguiu por amor da voga as correntes mais no gosto do público. A este pode afirmar-se que não fez em toda a sua obra a menor concessão. (ibidem: 316).

Antes adepto de critérios nacionalistas para o exercício da crítica literária, José Veríssimo assinala na obra de Machado de Assis justamente a dificuldade de aplicação de tais critérios na análise das criações do escritor fluminense.¹¹ Machado, crítico de primeira hora do indianismo (romântico), segundo Veríssimo, não teria “vislumbre de brasileirismo”, sua “clara intuição das nossas íntimas

¹¹ De início, Veríssimo (como a maior parte de seus contemporâneos) baseava-se em “critérios nacionalísticos” para interpretar a criação literária, tais critérios – em geral – perseguiam as similitudes entre o conteúdo das obras e as condições mesológicas (meio, ‘raça’, clima, influência no ‘caráter nacional’ etc.) do país. Mais tarde, enveredará para uma análise crítica mais aberta, um tanto impressionista e com valorização do uso da língua e estilo (PASCHOAL, 2006), dos recursos literários estrito senso, passando então o elemento nacional a ser um dentre outros critérios (BARBOSA, 1974, 1977). Há indícios de que a própria obra de Machado tenha sido fato marcante para a mudança de atitude do crítico.

peculiaridades nacionais” (ibidem: 312) o levaria a não se distrair com o pitoresco e se ocupar sim com a “alma humana” (ibidem: 310).

O sempre progressivo exercício desta faculdade de análise do ambiente, estreme das suas fáceis representações pitorescas, faria de Machado de Assis não obstante o seu desprendimento do brasileiro, qual o entendiam aqui, porventura o mais intimamente nacional dos nossos romancistas, se não procurarmos o nacionalismo somente nas exterioridades pitorescas da vida ou nos traços mais notórios do indivíduo ou do meio. (ibidem: 313, grifos nossos).

5. Crítica e nacionalidade

Machado de Assis, Sílvio Romero e José Veríssimo foram contemporâneos, conviveram – no final do século XIX e início do século XX – no Rio de Janeiro, capital político-cultural da República, e freqüentaram a mais prestigiosa instituição cultural do período, a Academia Brasileira de Letras.¹² Os autores marcaram época e fizeram história na literatura brasileira levando adiante os ideais da “Geração de 1870”, movimento cultural que teria trazido “um bando de idéias novas” (ROMERO, 1979: 163), no qual a questão nacional teve centralidade (ALONSO, 2002).¹³ Aos intelectuais brasileiros dessa geração, críticos do romantismo e de sua ingenuidade nativista, era imperativo assentar as bases da nacionalidade, fincar os pilares que sustentariam a unidade (nacional) na diversidade e desigualdade reinantes, estabelecendo os liames entre o litoral e o sertão, entre o país aparente e o profundo, entre as “raças” (o branco, o índio e o negro) e entre as diferenças culturais e regionais. Era mister encontrar o que havia de necessariamente comum e culturalmente original, o que nos definisse, caso contrário, persistiria a sina de sermos uma sociedade transplantada, herdeira bastarda (e colonizada) da cultura européia. A literatura, nesse contexto, foi tomada pela crítica como documento histórico e instrumento de afirmação social.¹⁴

¹² Um panorama cultural do período pode ser encontrado em Broca (1960, 1991), Renault, (1987), Bosi (1997), Sevckenko (2003) e Ventura (1991).

¹³ Entre os intelectuais dessa geração estavam, entre outros: Tobias Barreto, Joaquim Nabuco, André Rebouças, Rui Barbosa, Clóvis Beviláqua etc.

¹⁴ “Se, para Sílvio Romero, o padrão de julgamento de uma obra literária é a *nacionalidade*, para Veríssimo esse padrão é a *linguagem*. Com as devidas diferenças, o raciocínio é o mesmo: a literatura é considerada como representação fiel de uma realidade maior que a condiciona, seja ela a nação, conforme o quer Sílvio Romero, ou a língua, como o quer Veríssimo” (VELLOSO, 1988: 241, grifos da autora).

A crítica atual aponta na obra de Machado de Assis, além de um “instinto de nacionalidade”, certa desconfiança quanto aos rumos da nação e da comunidade possível a partir de uma sociabilidade baseada no favor, na aparência, na dissimulação etc.¹⁵ Já nas leituras de Sílvio Romero e José Veríssimo sobre a obra de Machado nota-se a busca – manifesta ou latente – do ingrediente da nacionalidade, seja na figura do mestiço romeriano, seja na do “herói” literário em Veríssimo.

Sílvio Romero indica em Machado de Assis o âmago e o estigma da nacionalidade, o mestiço Machado é – como o Brasil, com suas “raças” em mistura – algo ainda descaracterizado, nem branco, nem negro, nem europeu, “meio romântico”, “meio realista”, de “meias idéias”, indefinido, impreciso, vago, que, na acidez de Romero, rapidamente descamba (na crítica do gosto) para o insípido. Como o herói Macunaíma - de Mário de Andrade (1978) - não tem caráter, daí o equívoco (generalizado) dos comentaristas ao indicar a repulsa de Romero à obra machadiana; na verdade, Romero não afirma simplesmente a falta de qualidades estéticas como privação de talento ou mau-gosto, observa a ausência de definição como forma essencial do autor e da obra, produto genuinamente brasileiro e mestiço, volúvel, inconstante. Daí, também, Romero afirmar que Machado – como prosador - foi quem mais fundo penetrou na alma humana, o escritor de origem pobre conhecia os meandros da vida pois compartilhava suas mazelas: o mestiço de “índole indecisa” sabia do que falava.

Todavia, se - para Romero – Machado encarnava tão bem o tipo brasileiro e mestiço, por que não encontrou nele as virtudes da alma nacional? Por que não o saudou como o escritor nacional por definição? Porque para Romero a mestiçagem não era o cerne mas o húmus da nacionalidade, a nação se ergueria com a mestiçagem e apesar dela, era uma sina e não uma dádiva.¹⁶

De outro modo, José Veríssimo vê em Machado de Assis o “herói” incondicionado: alheio às imposições ‘sociais’, avesso aos modismos, sem

¹⁵ Ver algumas leituras da obra machadiana, entre outros, de Bosi *et al.* (1982), Faoro (1988), Schwarz (1990, 1992).

¹⁶ Em suas palavras: “1ª - O povo brasileiro não corresponde a uma raça determinada e única; 2ª - É um povo que representa uma fusão; é um povo mestiçado; 3ª - *Pouco adianta por enquanto discutir se isto é um bem ou um mal; é um fato e basta*” (ROMERO, 1953: 133, grifos nossos). Lembremos ainda que Romero partilhava da idéia de Gobineau de “desigualdade das raças”. Para uma visão do cientificismo e questão racial em Sílvio Romero, ver Ramos (1953, 1957) e, para um exame da questão racial na ciência brasileira do período, ver Schwarcz (1993).

predecessores, indecifrável pelos “critérios nacionalísticos”, demiurgo de si (“fez-se a si próprio”). Universal, ocupar-se-ia da alma humana acima de todo traço de brasileiro; incolor - em momento algum Veríssimo faz referência à cor de Machado¹⁷ - e motivo de orgulho, pois não parecia ‘simplesmente’ brasileiro, não carregava os estigmas do seu lugar e da sua origem. Entretanto, Machado não deixava de se identificar com a idéia de nacionalidade projetada na obra de Veríssimo, encarnava a aspiração nacional justamente por destoar do meio, por fazer uso da “linguagem” de modo cosmopolita, porque não se parecia em nada com a nação existente, Machado se tornava – para Veríssimo – ícone da nação pretendida.

Sívio Romero e José Veríssimo identificaram na obra de Machado de Assis a chave da nacionalidade, seja como fato da mestiçagem (Romero), seja como forma de aspiração ao universal: ambas, cada qual a seu modo, negavam a nação existente e projetavam os anseios daquela geração.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALONSO, Angela. *Idéias em movimento: a geração 1870 na crise do Brasil-Império*. São Paulo: Paz e Terra, 2002.

ANDRADE, Mário de. *Macunaíma: o herói sem nenhum caráter*. Edição crítica de Telê Porto Ancona Lopez. Rio de Janeiro: Livros Técnicos e Científicos; São Paulo: Secretaria da Cultura, Ciência e Tecnologia, 1978 (Biblioteca universitária de literatura brasileira, série C, narrativa, v. 1).

BARBOSA, João Alexandre. *A tradição do impasse: linguagem da crítica e crítica da linguagem em José Veríssimo*. São Paulo: Ática, 1974.

BOSI, Alfredo. *História concisa da literatura brasileira*. 3^a ed., 17^a reimpressão. São Paulo: Cultrix, 1997.

¹⁷ O crítico, porém, quando aborda outros autores, freqüentemente faz referência à cor deles: Tobias Barreto é caracterizado como “mestiço impulsivo e malcriado” (VERÍSSIMO, 1963: 242), Cruz e Souza é o “negro bom, sentimental, ignorante, de uma esquisita sensibilidade” (idem, 1977: 232).

FERNANDES, Maria Lúcia Outeiro. Os contrabandistas do pensamento – impasses da crítica literária brasileira no final do século XIX. *Revista Letras*, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, n° 55, p. 29-54, jan./jun. 2001.

GUIMARÃES, Hélio de Seixas. Romero, Araripe, Veríssimo e a recepção crítica do romance machadiano. *Estudos Avançados*, v. 51, n° 18, p. 269-298, 2004.

MORAES FILHO, Evaristo de. *Medo à utopia: o pensamento social de Tobias Barreto e Silvio Romero*. Rio de Janeiro, Nova Fronteira; Brasília, INL: 1985.

MONTELLO, Josué. O escritor diante de seu crítico. In: _____. *O presidente Machado de Assis nos papéis e relíquias da Academia Brasileira*. 2ª ed. rev. Rio de Janeiro: José Olympio, 1986. p. 183-210.

NUNES, Benedito. Historiografia literária do Brasil. In: _____. *Crivo de papel*. São Paulo: Ática; Rio de Janeiro: Fundação Biblioteca Nacional; Mogi das Cruzes, SP: Universidade de Mogi das Cruzes, 1998, p. 205-46.

PASCHOAL, João Carlos Monteiro. "Meio" e "língua", dois conceitos na crítica de José Veríssimo. *Publicações de alunos de graduação e pós-graduação do Instituto de Estudos da Linguagem – Unicamp*. Disponível em: <<http://www.unicamp.br/iel/site/alunos/publicacoes/textos/m00013.htm>>. Acesso em 31 de maio de 2006.

ROMERO, Nelson. Nota explicativa à 4ª edição. In: ROMERO, Sílvio. *História da literatura brasileira; contribuições e estudos gerais para o exato conhecimento da literatura brasileira*. 5ª ed. organizada e prefaciada por Nelson Romero. Rio de Janeiro: José Olympio, 1953a (Coleção documentos brasileiros, 24), p. 19-30.

ROMERO, Nelson. . Prefácio à 3ª edição. In: ROMERO, Sílvio. *História da literatura brasileira; contribuições e estudos gerais para o exato conhecimento da literatura brasileira*. 5ª ed. organizada e prefaciada por Nelson Romero. Rio de Janeiro: José Olympio, 1953b (Coleção documentos brasileiros, 24), p. 11-18.

ROMERO, Sílvio. *História da literatura brasileira; contribuições e estudos gerais para o exato conhecimento da literatura brasileira*. 5ª ed. organizada e prefaciada por Nelson Romero. Rio de Janeiro: José Olympio, 1953 (Coleção documentos brasileiros, 24), 5 tomos.

_____. *Realidade e ilusões no Brasil*. sel. e coord. Hildon Rocha. Petrópolis: Vozes, 1979.

SCHNEIDER, Alberto Luiz. *Sílvio Romero, hermeneuta do Brasil*. São Paulo: Anablume, 2005.

VELLOSO, Mônica Pimenta. A literatura como espelho da nação. *Estudos Históricos*, v. 1, n° 2, p.239-63, 1988.

VENTURA, Roberto. *Estilo tropical; história cultural e polêmicas literárias no Brasil 1870-1914*. 2ª reimpressão. São Paulo: Companhia das Letras, 1991.

VERÍSSIMO, José. *História da literatura brasileira: de Bento Teixeira (1601) a Machado de Assis (1909)*. 4ª ed. Brasília: UnB, 1963 (Biblioteca básica brasileira, 3).

_____. *José Veríssimo: teoria crítica e história literária*. Seleção e apresentação de João Alexandre Barbosa. Rio de Janeiro: Livros Técnicos e Científicos; São Paulo: Edusp, 1977, (Biblioteca universitária de literatura brasileira).

Bibliografia

BARBOSA, João Alexandre. Introdução. In: VERÍSSIMO, José. *José Veríssimo: teoria crítica e história literária*. Seleção e apresentação de João Alexandre Barbosa. Rio de Janeiro: Livros Técnicos e Científicos; São Paulo: Edusp, 1977. p. X-XXXVI.

BOSI, Alfredo et al. *Machado de Assis*. São Paulo: Ática, 1982 (Coleção escritores brasileiros: Antropologia e estudos, 1).

BROCA, Brito. *A vida literária no Brasil – 1900*. 2ª ed. rev. e aum. Rio de Janeiro: José Olympio, 1960.

_____. *Naturalistas, parnasianos e decadistas: vida literária do realismo ao pré-modernismo*. Campinas-SP: Ed. da UNICAMP, 1991. (Coleção repertórios).

CANDIDO, Antonio. *Formação da literatura brasileira: momentos decisivos*. 3ª ed. São Paulo: Martins, 1969.

_____. *Sílvio Romero: teoria, crítica e história*. Seleção e apresentação de Antonio Candido. Rio de Janeiro: Livros Técnicos e Científicos; São Paulo: Edusp, 1978. (Biblioteca universitária de literatura brasileira).

_____. Fora do texto, dentro da vida. In: _____. *A educação pela noite e outros ensaios*. São Paulo: Ática, 2000. p. 100-21.

_____. *O método crítico de Sílvio Romero*. 4ª ed. rev. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2006.

FAORO, Raymundo. *Machado de Assis: a pirâmide e o trapézio*. 3ª ed. Rio de Janeiro: Globo, 1988.

LEITE, Dante Moreira. *O caráter nacional brasileiro: história de uma ideologia*. 2ª ed. rev., ref. e ampl. São Paulo: Pioneira, 1969 (Biblioteca pioneira de ciências sociais, psicologia).

MOTA, Maria Aparecida Rezende. *Sílvio Romero: dilemas e combates no Brasil da virada do século XX*. Rio de Janeiro: FGV, 2000. (Os que fazem a história).

RAMOS, Alberto Guerreiro. *O processo da sociologia no Brasil: esquema de uma história das idéias*. Rio de Janeiro: [s.n.], 1953.

_____. *Introdução crítica à sociologia brasileira*. Rio de Janeiro: Andes, 1957.

RENAULT, Delso. *A vida brasileira no final do século XIX: visão sócio-cultural e política de 1890 a 1901*. Rio de Janeiro; Brasília: José Olympio, INL, Fundação Nacional Pró-memória, 1987.

RODRIGUES, Fábio Della Pacho. Um crítico para inglês ver: Sílvio Romero e seus estudos sobre Machado de Assis. *Publicações de alunos de graduação e pós-graduação do Instituto de Estudos da Linguagem – Unicamp*. Disponível em: <<http://www.unicamp.br/iel/site/alunos/publicacoes/textos/c00013.htm>>. Acesso em 29 de julho de 2006.

RODRÍGUEZ, Ricardo Vélez. *O homem e a sua obra*. Disponível em <<http://www.ensayistas.org/filosofos/brasil/romero/introd.htm>>. Acesso em 28 de agosto de 2006.

ROMERO, Sílvio. *Autores brasileiros: Sílvio Romero*. Organização de Luiz Antonio Barreto. Rio de Janeiro: Imago; Aracaju, SE: Ed. da Universidade Federal de Sergipe, 2002, (Obras completas de Sílvio Romero).

SCHWARCZ, Lilia Moritz. *O espetáculo das raças: cientistas, instituições e questão racial no Brasil 1870-1930*. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

SCHWARZ, Roberto. *Um mestre na periferia do capitalismo: Machado de Assis*. São Paulo: Duas Cidades, 1990.

_____. *Ao vencedor as batatas: forma literária e processo social nos inícios do romance brasileiro*. 4ª ed. São Paulo: Duas Cidades, 1992.

SEVCENKO, Nicolau. *Literatura como missão: tensões sociais e criação cultural na Primeira República*. 2ª ed. rev. e ampl. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

Um escritor, duas histórias: Machado de Assis e a crítica de José Veríssimo e Sílvio Romero.

Resumo: As leituras críticas da obra de Machado de Assis presentes na *História da literatura brasileira* de Sílvio Romero e na de José Veríssimo - as primeiras a apresentarem uma visão da literatura brasileira como totalidade orgânica - indicam não somente duas diferentes formas de exercício da crítica e de avaliação da obra machadiana, mas assinalam, sobretudo, duas distintas formas de percepção da nacionalidade e aspiração a ela na sociedade brasileira do início do século XX.

Palavras-chave: Machado de Assis. Crítica. História. Literatura brasileira. José Veríssimo. Sílvio Romero.

One writer, two histories: Machado de Assis and criticism of José Veríssimo and Sílvio Romero.

Abstract: The critical readings on Machado de Assis's works present in *History of Brazilian literature* by Sívio Romero and *History of Brazilian literature* by José Veríssimo – first presented a view of Brazilian literature as organic totality – point not only two different forms of critical exercise and judgment of machadian works, they also distinguish two forms of perception and aspiration to nationality in Brazilian society at the beginning of 20th century.

Key words: Machado de Assis. Criticism. History. Brazilian literature. José Veríssimo. Sílvio Romero.

* Doutor em Sociologia pela UNESP, Araraquara-SP, edsnb@ig.com.br.